

## UM OLHAR SOBRE A ESCRITA DE SURDOS BILÍNGUES NO AMBIENTE ACADÊMICO

Maria Janaina Alencar Sampaio<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este trabalho propõe refletir sobre a escrita de jovens/adultos surdos universitários, bilíngues, ou seja, usuários de Língua Brasileira de Sinais (Libras) e de língua portuguesa oral, a partir da perspectiva de Cláudia De Lemos sobre aquisição da linguagem. A autora recorre aos conceitos de metáfora e metonímia, que significam seleção e combinação, respectivamente, para observar o funcionamento da linguagem. Em minha prática como fonoaudióloga, professora e intérprete de Libras, tenho observado que um número reduzido de surdos consegue ter acesso à universidade e há uma escassez de pesquisas com esses sujeitos, além da carência de estudos que contemplem a escrita do surdo do ponto de vista do funcionamento da linguagem. Por esse motivo, pretendo lançar um olhar diferenciado sobre essa escrita, compreendendo-a como funcionamento linguístico-discursivo e afastando-me das tradicionais concepções que veem a escrita do surdo como “atípica e diferente”, para adotar uma perspectiva que prioriza a escrita como um processo simbólico, formado através da interação com o *outro*. O material analisado foram textos produzidos por três sujeitos surdos universitários, que vieram na forma de provas avaliativas do curso de graduação. Os dados foram analisados de acordo com o referencial teórico que ancora esta pesquisa – a perspectiva de Cláudia De Lemos em aquisição de linguagem –, levando em conta os eixos de funcionamento da linguagem, ou seja, os processos metafórico e metonímico. Este trabalho traz para a discussão a escrita dos surdos e quer contribuir para o direcionamento de um novo olhar avaliativo dessa produção, permitindo, assim, a inclusão do surdo na universidade e o debate sobre o letramento desses sujeitos.

**PALAVRAS CHAVE:** Escrita e surdez; Fonoaudiologia; Linguística; Interacionismo Brasileiro.

**ABSTRACT:** This research aims to reflect about writing by deaf young/adults, bilingual and college students, that is, Brazilian Sign Language (Libras) and spoken Portuguese users, in the light of Cláudia de Lemos' perspective of language acquisition. The author applies for the concepts of metaphor and metonymy, which means selection and combination respectively, in order to observe how language functions. In my practice as speech-language professional, professor and interpreter of Libras, I have noticed that a reduced number of deaf people achieve to access the university and there is a lack of researches which involve these people and their writing – considering language function. For this reason, I intent to think about this writing in a different view, by understanding it as discursive-linguistic functioning and by deviating from traditional conceptions that consider deaf people writing as “atypical and different” in order to adopt an approach that prioritizes writing as a symbolic process construct through interaction with the *other*. It was analyzed text produced by three deaf college students during moments of evaluation for the college. The data was analyzed according to rational that bases this research, Cláudia de Lemos' perspective of language acquisition, considering the axes of language functioning, that is, metaphoric and metonymic processes. Then, this study discuss on deaf people writing and aims to contribute for the

---

<sup>1</sup> Professora Assistente do Departamento de Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

guidance of a new way of evaluating this production, allowing the inclusion of deaf people in the university and the debate about their literacy.

**KEY WORDS:** Writing and deafness; Speech Therapy; Linguistics; Brazilian Interacionism.

## 1. O funcionamento da linguagem na perspectiva de Cláudia De Lemos

Apesar de sabermos que o processo de aquisição da linguagem oral abordado pela autora De Lemos se dá em crianças ouvintes, tomamos o mesmo caminho para abordar a aquisição da escrita do surdo por acreditar que a escrita é também um processo de ordem linguística que acontece através “do efeito da linguagem sobre a própria linguagem” (MOTA *apud* CAVALCANTI, 2001, p.41), ou seja, a criança que está no processo de aquisição da escrita tem na linguagem do *outro* (textos e leituras), que circula em seu meio, a ressignificação dos seus fragmentos tão heterogêneos. Tal processo não segue etapas, ele é explicado mediante cadeias metafóricas e metonímicas, instituindo diferença e semelhança e, dessa forma, possibilita compreender a escrita da criança.

A interação da criança com o *outro* é uma condição necessária para esse processo e para a sua construção como sujeito integrante de uma língua. Pensando assim, abolimos o pensamento de que o surdo escreve de forma diminuída e privada.

Ao admitir que a interação com o *outro* é uma condição necessária para o processo de aquisição da linguagem, afirmamos também que o papel do *outro* é o de intérprete, não só da fala, mas também da escrita da criança.

Lendo para criança, interrogando a criança sobre o sentido do que escreveu, escrevendo para a criança ler, o alfabetizado, como outro que se oferece ao mesmo tempo como semelhante e como diferente, insere-a no movimento lingüístico-discursivo da escrita. (DE LEMOS, 1996, p.29).

Ainda segundo essa perspectiva, em aquisição de linguagem, o *outro* seria um intérprete da escrita da criança, ressignificando e dando sentido aos textos por ela produzidos. A escrita seria um processo de representações simbólicas, no qual o iniciante na escrita é inserido em um mundo de letras, entrando em contato com os textos que circulam ao seu redor, o que faz com que ela vivencie o discurso do outro.

De Lemos (1992) traz uma nova perspectiva a respeito do funcionamento da linguagem que é tida como constitutiva do sujeito, ou seja, o sujeito se constitui na / pela linguagem. A autora, para dar suporte empírico à sua perspectiva, faz uma releitura de Saussure, Lacan e Jakobson, considerando a interação do sujeito com o *outro* como fundante da linguagem, e aponta para a interação adulto/criança como lugar de reflexão sobre os vários aspectos do funcionamento da linguagem pela criança.

A partir de então, os estudos sobre aquisição de linguagem voltam-se para uma linguística tocada pela Psicanálise, na qual o sujeito interage com o *outro* e é assujeitado pela linguagem. De acordo com essa perspectiva teórica, “o sujeito nasce no campo da linguagem” (DE VITTO, 1998, p.22), tendo, já a partir do nascimento, uma relação de intersubjetividade<sup>2</sup> com o Outro. É através da interpretação das ações da criança pelo Outro que a linguagem assume seus significados e, assim, a criança passa a ser representada como interlocutor, como sujeito.

Durante o processo de aquisição de linguagem, os significantes do adulto são incorporados pela criança e promovem transformações em sua fala. Sendo assim, vemos a importância do adulto diante da relação com a criança, visto que a fala daquele está inserida na linguagem desta. Assim como ocorre na oralidade, durante o processo de aquisição da linguagem escrita, a criança incorpora fragmentos de textos que circulam ao seu redor, tanto na escola quanto em casa.

De Lemos baseia-se em Lacan (*apud* DOR, 1992) que, fazendo uma releitura da Teoria do Valor<sup>3</sup>, afirma que os elementos da língua têm um valor relativo. Isso quer dizer que cada elemento só tem valor pela relação que estabelece com outro elemento, contrapondo-se a Saussure que afirma que cada elemento da língua vale uma unidade de dupla face, significante e significado, que constitui um signo.

Para Saussure (1987), o sentido se dá através da relação entre significante e significado e Lacan, por sua vez, acredita na primazia do significante, concebendo o sentido como uma relação estabelecida entre um significante e outro significante, pois acredita que o significante permite acesso a um determinado sentido que não está unido a ele.

Saussure (1987) defende a separação entre língua e fala (*langue e parole*) e Lacan nega essa dicotomia, pois acredita que não há fala sem língua. Ele retoma essa dicotomia, discutindo o funcionamento da língua e da fala para se pensar na linguagem. Lacan rediscute a linguagem junto à questão do sujeito, olhando o sujeito e a linguagem numa relação de assujeitamento, pois acredita que o sujeito é assujeitado pela linguagem, ou seja, é falado por essa linguagem e só fala aquilo que ela permite que ele fale, porque o sujeito só pode falar aquilo que a língua autoriza, é significado pela linguagem.

Estudando a dicotomia língua e fala, Saussure (1987) identifica dois eixos da língua: eixo paradigmático, representado pela seleção de palavras que formam a frase, e eixo sintagmático, constituído pela combinação de paradigmas. O funcionamento da linguagem se daria formando um conjunto de paradigmas para se obter um sintagma.

---

<sup>2</sup> Atualmente, De Lemos deixa de lado a ideia de intersubjetividade e trata de instância subjetiva ou de processo de subjetivação. É nesse processo que ocorrem as mudanças de lugares discursivos que a criança assume na língua/linguagem, como veremos mais adiante.

<sup>3</sup> Proposta por Saussure (1987, p.104), afirma que na língua cada termo tem o seu valor em oposição aos outros termos. Para ele, o sistema é sempre momentâneo, isto é, varia de uma posição para a outra. Os valores, então, dependem de uma “convenção imutável”.

Jakobson (1995) vem fazer uma releitura dos eixos paradigmático e sintagmático, aproximando-se das figuras da retórica, transformando-os em eixos metafóricos e metonímicos. O eixo metafórico corresponde às substituições e o eixo metonímico às combinações. Um sintagma combina vários elementos entre si, porém um paradigma pode ser substituído por outro, neste caso, sempre na escolha de uma metáfora fica algo do elemento não escolhido em sua posição. Portanto, é na substituição (metáfora) que há o movimento que explica o funcionamento da linguagem.

As relações no eixo metafórico ocorrem em ausência, pois, ao selecionarmos um elemento, obrigatoriamente excluímos outro. As relações no eixo metonímico se dão na presença de um elemento com o outro na mesma cadeia. Os movimentos desses eixos ocorrem simultaneamente.

No estudo sobre a aquisição de linguagem, De Lemos (1995) faz uma reinterpretação dos processos metafóricos e metonímicos, trazendo-os para o funcionamento da linguagem. Os processos metafóricos e metonímicos são leis de composição interna da ordem própria da linguagem e modos de emergência do sujeito na cadeia significante. São esses processos que possibilitam a (re)significação dos significantes da criança que circulam no discurso.

Devemos, então, interpretar a fala da criança a partir das relações de (re)significação estabelecidas pelo adulto. Esse movimento constitui um “mecanismo de mudança” (DE LEMOS, 1999, p.9) tanto do ponto de vista linguístico e subjetivo quanto da própria posição da criança na língua.

Sendo assim, os processos metonímicos ocorrem em relações de presença, pois um significante tem valor determinado pela interpretação de outros significantes que se opõem no processo discursivo. Os processos metafóricos se dão em operação de substituição, dentro do discurso, pois uma palavra pode ser substituída por outra. A metáfora guarda em si conteúdos não-ditos, pois se estabelece em ausência.

De Lemos (1999) aponta para uma relação entre processos metafóricos e metonímicos, com maior incidência de um ou de outro, demonstrando um novo olhar para o processo de aquisição de linguagem, tanto oral quanto escrita, no qual se sobressai a relação da criança com o *outro* e com a própria língua.

Quando a mãe fala pela criança, ela atribui sentido aos significantes da criança, o que gera um efeito de fala na criança. Assim também é com a escrita, em que o adulto alfabetizado atribui sentido à escrita da criança e, através desta, ela também vai se constituindo enquanto sujeito.

Quando não há intervenção do *outro*, a linguagem funciona de maneira aberta. A partir da entrada do *outro*, existe uma harmonia discursiva entre os eixos. O interlocutor fecha o deslizamento no eixo metonímico. O corte incide no eixo metafórico, onde é modificado o que se fala ou o que se escreve.

Num momento posterior, a fala da mãe começa a gerar efeito na criança que incorpora os fragmentos de fala de sua mãe deslizando no eixo metonímico. O deslizamento no eixo metafórico se dá quando a criança começa a selecionar, dentre vários significantes, um possível para determinada situação discursiva. Assim como ocorre na fala, a criança também incorpora fragmentos de textos a que tem acesso.

Esses processos (metafóricos e metonímicos) podem ser descritos por lugares discursivos que a criança assume na linguagem. Um primeiro lugar seria a total **dependência da criança à fala do outro**: a mãe oferece a sua atividade de fala como espelho para a criança e para si própria, como intérprete e interlocutora. Temos, assim, que a criança ainda não se encontra como autora do seu próprio discurso. Uma segunda posição seria a de **submissão ao próprio funcionamento da língua** - processos metafóricos e metonímicos - através dos enunciados do adulto, a resposta da criança passa a preencher um papel semântico, sintático, pragmático. O enunciado da criança, então, resulta da incorporação do enunciado do adulto e da sua complementação de vocábulos e pensamentos. Por fim, um terceiro lugar, seria o **estranhamento de sua própria fala**, isto é, passar de interpretado a intérprete, quando surgem as autocorreções, hesitações etc. Ou seja, a criança, enquanto sujeito falante, estaria dividida entre aquele que fala e aquele que escuta a própria fala, sendo capaz de retomá-la, reformulá-la e reconhecer a diferença entre a sua fala e a fala do *outro*, o mesmo vale para a escrita. Em outras palavras, na terceira posição, através da interação com o Outro, o sujeito passa a produzir episódios interpretáveis como resposta à perspectiva instaurada pelo *outro* mais experiente, que, no caso da linguagem escrita, é o *outro* alfabetizado.

Segundo De Lemos (1999), o funcionamento da linguagem se dá através de uma mudança de lugares discursivos que a criança assume na linguagem, em uma estrutura, cujos pólos são o *outro*, a língua e o próprio sujeito. Em cada lugar discursivo, ocorre a dominância de um desses pólos. O erro refere-se a uma mudança na reorganização do conhecimento da criança, sendo visto como acerto, percorrendo três posições do ponto de vista do funcionamento da linguagem.

Neste estudo, não nos deteremos em “erros” encontrados na escrita do surdo. Nosso objetivo é compreender como essa escrita se processa a partir de uma proposta que compreende o funcionamento da linguagem como um movimento necessário, com seus deslocamentos constitutivos e constituintes do processo de aquisição.

## 2. A escrita do surdo

O debate em torno de questões linguísticas na surdez, ou a análise de produções textuais de surdos, tem suscitado grande interesse nos campos da educação e da linguística. Contudo, o debate projetado até o momento ainda é bastante generalista com respeito às questões que tocam a linguagem e seu funcionamento. A seguir, faremos uma breve explanação a respeito do que alguns autores discutem com relação à escrita do surdo.

Fernandes (1989), ao estudar o desempenho linguístico de alunos surdos, concluiu que os processos que vêm sendo utilizados na reeducação da maioria desses surdos não são linguisticamente eficazes. Posteriormente, Fernandes (2003) realizou um estudo com 40 surdos acima de 18 anos, a fim de verificar a capacidade de recepção e emissão de mensagens, de compreensão e reprodução de textos, aspectos semânticos, de modo geral, testando, basicamente, o domínio sobre a língua na modalidade escrita. Ela analisou o desempenho em língua portuguesa por meio de exercícios que propiciaram a observação de aspectos morfológicos, sintáticos e do domínio de vocabulário. A autora verificou que os surdos estão despreparados para leitura e compreensão de textos, eles apresentam restrições significativas com o léxico, desconhecimento de palavras do cotidiano, além da falta de domínio das estruturas sintáticas da língua.

Góes (1996) realizou uma pesquisa com alunos surdos de 14 a 26 anos, estando estes no ensino fundamental em classes de supletivo; com o propósito de efetuar uma caracterização de seus textos e uma análise de suas construções atípicas. Ela identificou, nos textos, diversos desvios das regras de construção do português: uso inadequado ou omissão de preposições; terminação verbal não correspondente à pessoa do verbo; inconsistência de tempo e modo verbal (sobretudo alternância inadequada de presente e passado e terminação incorreta para tempo e pessoa do verbo); flexão inadequada de gênero em adjetivos e artigos; uso incorreto do pronome pessoal do caso oblíquo etc. Porém, foram relativamente pouco frequentes os erros de ortografia, confirmando pesquisas anteriores, como a de Fernandes (1989). Góes destacou, ainda, problemas relativos a aspectos de coesão, concernentes à referencialidade ou à progressão temática, que tendem a resultar em prejuízos à coerência do texto.

Gesueli (1998) enfatiza a importância da LIBRAS na educação dos surdos. Ao realizar um estudo sobre a aquisição da escrita pela criança não-ouvinte, destaca que suas construções apresentam uma sequência de palavras que é propensa a desrespeitar a norma convencional da língua; as suas produções escritas se apresentam de forma atípica, entre outras peculiaridades. No entanto, a maioria desses problemas identificados não são frutos da surdez e, sim, do fato de que os alunos e seus professores não compartilham a mesma língua. A autora adota o bilinguismo como proposta educacional para o surdo e considera a língua de sinais como primeira língua a ser adquirida pelo surdo, haja vista que é uma língua natural e de direito do surdo; ao passo que a língua majoritária, oral e escrita, seria trabalhada como segunda língua. O surdo deverá, portanto, ser bilíngue. Gesueli procurou observar como os processos dialógicos, constituídos pelo uso da língua de sinais, influenciam na elaboração de conhecimentos, tanto para construção de narrativas quanto para o processo de construção da linguagem escrita. Ela investigou crianças entre 5-6 anos e concluiu que o uso da língua de sinais permite uma comunicação eficaz entre as crianças e a professora e serve de base para construção da escrita, que é de grande importância para o surdo, especialmente, segundo a autora, para ele poder comunicar-se com o ouvinte até chegar ao aprendizado da linguagem oral.

Silva (2001) destaca a discussão sobre a escrita atípica dos surdos em contexto escolar, buscando entender qual a questão inserida na construção dos aspectos coesivos dos enunciados dessas pessoas, já que interagem no plano visuogestual. Observou que a

escrita dos surdos não segue as mesmas construções dos ouvintes, que se apóiam na linguagem oral para produzir a escrita. A autora considerou a hipótese de que a língua de sinais é a língua natural dos surdos, servindo como mediadora da aprendizagem do português e podendo interferir na escrita do surdo, quanto ao uso de conectivos, preposições, tempos verbais, concordância nominal e verbal etc., mas não na sua estrutura textual. Verificou nas análises textuais que é possível construir sentido no texto dos alunos surdos por meio de hipóteses levantadas e a coesão é um dos recursos que fazem parte desse processo, permitindo uma reconstrução de sentidos.

A escrita dos surdos vem sendo estudada ao longo do tempo sempre com a preocupação de procurar responder onde estaria a culpa pelo fracasso escolar da maioria dos surdos. Cavalcanti (2001), porém, procura afastar-se dessas concepções que vêem a escrita do surdo como atípica e diferente e adota uma perspectiva que entende a escrita como um processo simbólico, que se constitui a partir da interação com o *outro*, tomando como base teórica o Interacionismo Brasileiro de De Lemos. Em seu estudo de caso, analisa a escrita de uma criança surda oralizada em processo de escolarização, através de recortes retirados da produção espontânea da criança, na forma de cartas, bilhetes e anotações do diário. Observou que a oralidade interfere na escrita dessa criança e facilita a movimentação dela nos eixos metafórico e metonímico.

Cavalcanti e Soares (2003) realizaram um estudo semelhante ao de Cavalcanti (2001) com 18 crianças surdas em fase de escolarização; elas analisaram produções textuais dessas crianças tomando como base o Interacionismo Brasileiro e observaram que as crianças surdas, que tem a língua oral como a língua mãe, tendem a se deslocar mais nos eixos metafórico e metonímico do que as crianças surdas que têm a Língua Brasileira de Sinais como primeira língua. Tentaram justificar esses achados afirmando que “a falta de interpretação e estimulação do outro na constituição desta linguagem, gera uma insegurança em constituir a sua escrita” (CAVALCANTI & SOARES, 2003, p.38).

As observações de Cavalcanti e Soares (2003) a respeito dos surdos que dominam a LIBRAS como primeira língua terem um desempenho pior na escrita, ou melhor, desluzarem com mais dificuldade nos eixos de funcionamento da linguagem estão em contradição, portanto, com as premissas de Fernandes (2003, p. 149):

A aquisição da língua de sinais, além de ser um direito do surdo, é o instrumento que necessita para o seu desempenho lingüístico e cognitivo, sem riscos de atrasos em seu desenvolvimento, como também é a porta aberta para a aprendizagem da segunda língua, a língua portuguesa.

É importante observar, junto com pesquisadores como Góes (1996), Gesueli (1998), Silva (2001), Fernandes (2003) e outros, que a língua de sinais vem adquirindo um espaço bastante significativo no contexto escolar e reafirmando seu papel no processo de construção de conhecimento do sujeito surdo.

Muitos profissionais da educação preocupam-se apenas com o processo de integração do surdo com os ouvintes, sem levar em conta as peculiaridades do surdo e suas reais necessidades. Esperamos que esta pesquisa venha a contribuir com um melhor

atendimento educacional do sujeito surdo e que possibilite uma sensibilização inicial para uma “Escola Possível”, instância principal para o “aprendizado do fenômeno da escrita”.

### **3. Percurso metodológico**

#### **Sujeitos da pesquisa**

Três sujeitos universitários, sendo um do sexo masculino e dois do feminino, com diagnóstico de surdez neuro-sensorial de grau profundo e usuários tanto de língua portuguesa oral como de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).

#### **Período de referência**

A coleta e a análise dos dados foram realizadas em um período de 3 (três) meses.

#### **Método de coleta de dados**

Material: textos escritos na universidade (provas), papel, caneta esferográfica, termo de consentimento livre e esclarecido, carta de informação.

Procedimentos: Foram entregues ao sujeito a carta de esclarecimento e o termo de consentimento livre e esclarecido que foram assinados por livre vontade. Após concordância do sujeito em participar da pesquisa, ele recebeu o Termo de Compromisso do Pesquisador. A coleta dos dados foi feita através do recolhimento de textos produzidos pelos sujeitos na universidade, para posterior análise neste estudo.

#### **Método de análise dos dados**

Os dados foram analisados de acordo com o referencial teórico que ancora esta pesquisa, o Interacionismo Brasileiro de De Lemos, que entende a linguagem funcionando nos eixos metafórico e metonímico (seleção e combinação). O material analisado foram recortes discursivos dos textos produzidos pelos sujeitos, que vieram na forma de provas, sendo esse material apresentado em sua forma original, não havendo nenhuma ação do *outro*, no sentido de modificar a sua apresentação.

### **4. Apresentação dos dados**



## Responde as questões

- ①
- a) O homem, um ser racional → O homem é seu pensante, sempre contido com realidade e exposto a conhecer melhor seu mundo interior buscando autoconhecimento e tentando melhorar a si mesmo.
- b) O homem, um ser psíquico. (justificam)
- ② Sócrates meditava sobre os problemas da vida cotidiana, obediente e descobria as opiniões diferentes dos seus próprios pensamentos e depois fazer refletir para dizer saber e modo saber. Platão diz experiências vividas seu dia-a-dia mas passa mundo de aparência e verdade importante está no mundo das ideias porque verdades são eternas. A Dialética é o método da filosofia. (DIALECTICA)
- ③ Consciência filosófica mas é consciência feliz, nem satisfeito sobre absoluto nem consciência infeliz sempre buscar obediente nenhum digno possui procura verdade sempre.

Figura 2 – Texto produzido pelo sujeito B: homem de 25 anos, 1º período de Pedagogia.

## Questões:

- ① COMENTAR A CITAÇÃO: "NENHUMA ARTE É CASUAL OU RUDIMENTAR: É EXPRESSÃO plena DE UM DESEJO de BELEZA." (AUT. CÊNODO).
- ② Qual a importância da Filosofia na Educação?
- ③ Justifique o Binômio: Cultura e Humanização.
- ④ COMENTE: EDUCAR PARA QUAL CULTURA?

## Resposta:

① Cultura em sentido amplo é tudo que o homem faz esforço humano p/ construir sua existência.

Cultura em sentido estrito: produção intelectual de um povo, arte, filosofia, ciência. Inculto é aquele que não participa do saber da elite, mas se o homem se define a partir do momento produz cultura. O povo não consegue elaborar criticamente a sua própria cultura. Cultura do ser e do ter; ser: Intenções do discurso e a ser sujeito da própria vida. ter: ter a posse os registros do discurso.

Difícil classificação dos tipos de cultura e avaliação depender grupo social que ela. Comparamos "cultura de elite" e "cultura popular" dizer que primeira é melhor. Confusão entre cultura de elite e cultura, porque são classe dominante. Se conhecimento. Popular é importante ciências.

**Figura 3** – Texto produzido pelo sujeito C: mulher de 35 anos, 1º período de Pedagogia

## 5. Análise e discussão dos dados

O **sujeito A** é uma surda congênita profunda, de 36 anos, estudante do 1º período de Pedagogia de uma universidade particular de Recife. Ao responder a uma prova de Ética, foi solicitado que a aluna explicasse a relação de algumas citações com os problemas éticos e/ou morais. Uma das citações era: “A exploração dos desprivilegiados é um problema sério na sociedade”. Ela respondeu a questão com o seguinte texto:

Os ricos e os políticos preconceitos por desprivilegiados por isso tem grande com problema. O política nem preocupados nada e nem ética e moral. Sociedade tem problema sério e faltando lutar para congresso divulgar é importante no Ética. (cf. figura 1)

Provavelmente, na perspectiva teórica da linguística estruturalista, que toma como referência a análise dos sistemas sintáticos, semântico e fonológico, seria apresentado da seguinte forma:

Os ricos e os políticos são preconceituosos com os desprivilegiados e isso é um grande problema. Os políticos não estão preocupados com nada, nem com a ética e a moral. A sociedade tem um problema sério, falta lutar no congresso e divulgar que é importante a Ética.

Analisando tal produção textual dentro da abordagem que entende a linguagem funcionando dentro dos eixos metafórico e metonímico, o texto é possível de ser interpretado. Quando na cadeia manifesta, ele apresenta “[...] preconceitos por [...]” ao invés de “são preconceituosos com os [...]”, o **sujeito A** opera no eixo metafórico, quando omite o significante “são”, e continua operando no eixo metafórico, ao substituir o significante “preconceituosos” por “preconceito”. Ainda na mesma cadeia manifesta, percebemos a omissão da preposição “com” e do artigo “os”, indicando que ele operou metaforicamente. Provavelmente, no momento em que o **sujeito A** troca o significante “preconceituosos” por “preconceitos”, estaria sendo influenciado pela estrutura de sua língua materna, a LIBRAS, na qual um sinal simboliza vários significantes na língua portuguesa. Ao falar sobre a gramática da LIBRAS, Felipe (2001, p.21) afirma que “um sinal pode ser traduzido por duas ou mais palavras em língua portuguesa”. De modo geral, observamos que o **sujeito A** desliza nos dois eixos de funcionamento da linguagem, não comprometendo o sentido do texto, quando faz suas omissões e substituições.

O **sujeito B** é um surdo congênito de grau profundo, tem 25 anos de idade e também é estudante de Pedagogia do 1º período de uma faculdade particular de Recife. Os textos produzidos por ele fazem referência a uma avaliação de Filosofia. De modo geral, foi percebido que, apesar dos processos metafóricos de omissão encontrados nos textos do **sujeito B**, como, por exemplo, omissão de preposições, artigos, conjunções, verbos e dos demais elementos de constituição da língua portuguesa, foi encontrado significado em todos esses textos, visto que os significantes expostos são relativos aos assuntos abordados na prova de Filosofia, ou seja, não fogem a essa temática. Além disso, o sujeito está em constante processo de elaboração e reelaboração de sua linguagem

escrita, à medida que entra em contato com novos textos, vai aprimorando suas produções textuais.

O **sujeito C** é uma surda profunda de 35 anos que também faz o 1º período do curso de Pedagogia de uma faculdade particular da cidade de Recife. Ela respondeu a uma prova de Filosofia da Educação. Esse sujeito também apresentou substituições de significantes sinalizando um processo metafórico e também um deslizamento no eixo metonímico, pois os processos de seleção e combinação se dão de maneira satisfatória, não comprometendo o sentido de seus textos. De Lemos (1992) diz que o sentido está na cadeia de significantes, vindo da oposição entre eles, onde qualquer produção linguística ganha sentido em um outro lugar, na interpretação de um *outro* já assujeitado pela linguagem, podendo, dessa forma, ocupar o lugar de intérprete.

## 6. Considerações finais

Ao observar, na literatura, a escrita do surdo sendo interpretada como “desarrumada”, como “erro”, interessei-me por tentar compreender o processamento dessa escrita a partir de uma proposta que compreende o funcionamento da linguagem como um movimento necessário com seus deslocamentos constitutivos e constituintes do processo de aquisição.

Este estudo procurou analisar a escrita do surdo que vem do contexto universitário, em que o sujeito está sendo avaliado pelo professor que provavelmente não conhece a “Perspectiva de Cláudia De Lemos em Aquisição de Linguagem”, que compreende a linguagem tanto oral quanto escrita pelos dois eixos de funcionamento (metafórico e metonímico). Por desconhecer essa teoria, são pretendidas as questões estruturais (sintática, semântica e fonologia) dos textos dos surdos, privilegiando a forma em detrimento do conteúdo dos textos.

É importante perceber nos textos dos surdos de um modo geral, conforme afirma Silva (2001), elementos que permitam reconhecer a textualidade e os sentidos no processo de construção de escrita, pois as dificuldades que o surdo encontra na escrita do português não são da mesma ordem, daquelas encontradas pelo falante do Português, ao escrever essa língua. Cabe ao professor perceber que, apesar de todos os “problemas” e das “dificuldades assinaladas”, é possível entender/compreender e reconstruir o sentido dentro dos enunciados dos textos. As dificuldades encontradas na escrita dos surdos, em vez de serem constituídas como empecilhos, podem ser a referência pedagógica para o trabalho com o Português como a segunda língua.

Conforme as conclusões de Cavalcanti (2001), em seu estudo a respeito da escrita de uma criança surda, baseada na perspectiva de De Lemos em Aquisição de Linguagem, a língua está fazendo efeito na escrita, há um movimento e não alterações ou erros na escrita. Essa escrita é singular e está inscrita no sujeito. O resultado de sua análise mostra que o movimento da língua assujeita a criança e desloca sua escrita em seus eixos de

funcionamento, indicando que o processo de aquisição da escrita segue as mesmas leis, quer estejamos tratando de uma criança ouvinte ou de uma surda.

Neste estudo com jovens/adultos surdos universitários, os sujeitos estão em situação de formalidade, ou seja, eles escrevem preocupados em dar uma satisfação ao professor e, por isso, procuram usar uma linguagem mais formal. Assim como Cavalcanti (2001) ao analisar a escrita espontânea de uma criança surda, também encontrei uma escrita particular e percebi, nos textos, que o movimento da língua assujeita o indivíduo e desloca sua escrita em seus eixos de funcionamento, indicando que esse funcionamento da escrita segue as mesmas leis, tanto para o surdo quanto para o ouvinte.

Como pudemos perceber na análise dos textos dos três sujeitos deste estudo, apesar das omissões e substituições encontradas como, por exemplo: artigos, preposições, conjunções, pronomes, verbos e dos demais elementos de constituição da língua portuguesa, todos os textos possuem sentido. Essas omissões e substituições não devem ser vistas como “erros na escrita”, mas sim como consequência desse movimento necessário ao funcionamento da própria escrita. Os sujeitos estão em constante processo de elaboração e reelaboração de sua escrita, à medida que entram em contato com novos textos, vão aprimorando suas produções textuais. Acredito que, apesar de já serem jovens/adultos e universitários, os surdos, assim como os ouvintes, continuam desenvolvendo e aperfeiçoando sua linguagem escrita a cada dia.

Quero enfatizar também a importância da Língua de Sinais para a compreensão da leitura/escrita. Conforme Pereira (2003), a Língua de Sinais por ser uma língua de modalidade visuoespacial, não oferece nenhuma dificuldade aos surdos e possibilita a constituição de conhecimento de mundo, tornando possível aos surdos entender o que leem, deixando de ser meros decodificadores da escrita. Adquirida a língua de sinais, ela terá um papel fundamental na aquisição da leitura e da escrita. Já a língua escrita, por ser totalmente acessível à visão, é considerada uma fonte necessária para o desenvolvimento linguístico e cognitivo do sujeito surdo.

No caso dos sujeitos desta pesquisa, acredito que o fato de saberem LIBRAS facilitou bastante o deslocamento nos eixos de funcionamento da linguagem. Nesse sentido, para que o sujeito se torne autor de seus textos, é necessário estar exposto aos conhecimentos propostos pela língua, seja ela de ordem oral ou gestual.

## **7. Referências bibliográficas**

CAVALCANTI, E. M. S. **A Escrita de uma Criança Surda**: uma análise alternativa. Dissertação [Mestrado em Fonoaudiologia] – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

CAVALCANTI, E. M. S.; SOARES, S. L. F. **A Escrita da Criança Surda Vista Sob o Funcionamento da Linguagem**: em crianças da rede privada de ensino. Relatório Final de Iniciação Científica, PIBIC– Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2003.

DE LEMOS, C. T. G. **Desenvolvimento da Linguagem e Processo de Subjetivação**. DL-IEL-UNICAMP, 1999, 27p.

\_\_\_\_\_. Sobre a Aquisição da Escrita: algumas questões. *In*: ROJO, R. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo: Mercado de letras, 1996, pp. 13-31.

\_\_\_\_\_. Língua e Discurso na Teorização Sobre Aquisição da Linguagem. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v.30, n.4, p.9-28, 1995.

\_\_\_\_\_. Los Procesos Metafóricos y Metonímicos como Mecanismos de Cambio. *In*: **Substratum**, v. 1, 1992.

\_\_\_\_\_. **Processos Metafóricos e Metonímicos**: seu estatuto descritivo e explicativo na aquisição da língua materna. *Dati*, 1999, p. 09.

DOR, J. **Introdução à Leitura de Lacan**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

FELIPE, T. A. **Libras em Contexto**: curso básico, livro do estudante cursista / Brasília: Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, MEC; SEESP, 2001.

FERNANDES, E. **Problemas Lingüísticos e Cognitivos dos Surdos**. Rio de Janeiro: Agir, 1989.

FERNANDES, E. **Linguagem e Surdez**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

GÓES, M.C.R. **Linguagem, Surdez e Educação**. São Paulo: Autores Associados, 1996.

JAKOBSON, R. Dois Aspectos da Linguagem e Dois Tipos de Afasia. *In*: \_\_\_\_\_. **Lingüística e Comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1995.

LIER-DE-VITTO, M. F. **Os Monólogos da Criança**: delírios na língua. São Paulo: EDUC, 1998.

PEREIRA, M. C. da C. Discutindo o Uso da Sintaxe por Estudantes Surdos. *In*: BERBERIAN, A.P.; MASSI, G.A.; GUARINELLO, A.C. (Orgs.). **Linguagem Escrita**: referenciais para a clínica fonoaudiológica. São Paulo: Plexus, 2003, pp.111-124.

SAUSSURE, F. **Curso de Lingüística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1987.

SILVA, M.P.M. **A Construção de Sentidos na Escrita do Surdo**. São Paulo: Plexus, 2001.